

LEÔNIDAS XAUSA

A Editora da UFRGS acaba de publicar o livro **LEÔNIDAS XAUSA**, sendo organizadores: Hélgio Trindade e Luiz Osvaldo Leite. O Prof. Leônidas Xausa nasceu em Porto Alegre no dia 19 de novembro de 1932 e faleceu no dia 18 de maio de 1998. Nos 66 anos de vida muito realizou no ensino, na investigação científica da Ciência Política. A Cronologia mostra através dos anos as realizações, os sucessos e os contratempos dessa vida densa e realizadora. O livro apresenta em três partes:

Na 1ª - Escritos e Pronunciamentos de Leônidas Xausa; na 2ª - Artigos de análise da Conjuntura Nacional e internacional (1985 – 1989, da página 101 à página 534) – constitui um rico acervo de textos que mostram o fluxo das idéias políticas de três lustros.

Na 3ª - Depoimentos, Tetemunhos e homenagem da página 537 à página 623. É a visão crítica valorativa de uma vida nos escritos de colegas, de amigos e coetâneos.

O livro **LEÔNIDAS XAUSA** se constitui num verdadeiro monumento vivo da vida, da obra e dos ideais de um mestre, de um esposo e pai de família, de um cristão que soube viver a sua fé em pleno século XX, na cátedra, no tribunal ou na imprensa. Soube perpetuar e transmitir aos filhos, aos netos e aos discípulos aquela luz que os Xausa levaram da Grécia para o Vêneto, na encantadora Maróstica (Vicenza), para a rainha do Guaíba.

Prof. Ir. Elvo Clemente

Estágios no processo de aquisição de número no DP do Português Brasileiro

Ruth E. Vasconcellos Lopes*

1 Introdução

O objetivo deste artigo é discutir a aquisição da concordância de número no sintagma determinante (DP) e sua correlação com um traço paramétrico do Português Brasileiro (PB). Foram examinados dados de duas crianças entre as idades de 1;8 e 3;7, quantitativamente. Também serão utilizados dados qualitativos de duas outras crianças na mesma faixa etária. Nossa hipótese assume que as crianças passem por três estágios de desenvolvimento até atingirem a gramática adulta da língua. Durante o primeiro estágio, a criança assume um valor *default* singular para os DPs; o segundo envolve a distinção singular/plural e se torna visível quando o plural é morfologicamente marcado. O último estágio envolve uma marcação paramétrica em função da existência de um determinante nulo na língua, que, segundo nossa hipótese, torna o traço de número não-especificado em nomes. Este último requer um passo extra para a criança adquirindo o PB.

O artigo se organiza da seguinte forma. Na seção 2 vamos explorar empiricamente alguns fatos sobre o DP no PB, ainda que brevemente. Isso nos permitirá fazer algumas previsões para a aquisição do fenômeno, na seção 3. Na seção 4, apresentamos nossos resultados e na 5, propomos uma análise. Fechamos o artigo na seção 6 com alguns comentários finais acerca dos pontos que ficaram abertos.

* UFSC/CNPq. ruth@floripa.com.br

2 Alguns fatos e propostas sobre o DP, com atenção especial ao PB

O português se distingue das demais línguas românicas por permitir nomes plurais nus em posição argumental:

- (1) Maria detesta (as) cenouras.
- (2) Maria detesta *(las) zanahorias. (Espanhol)

Raposo (1998) propõe uma distinção paramétrica entre o português e as outras línguas românicas, segundo a qual a primeira possui um determinante nulo (*d nulo*) em seu léxico. O autor estabelece uma generalização bastante forte: línguas de objeto nulo sempre apresentarão o determinante nulo, como se vê pelos exemplos em (3) e (4):

- (3) a. O Manuel trouxe [] agora mesmo.
b. O Manuel trouxe-o agora mesmo.
- (4) * Encontré [] ayer en el cine. (Espanhol)

Sua análise para (3) encontra-se em (3') abaixo. Não vamos discutir a propriedade do objeto nulo no português aqui, mas adotaremos a proposta para o determinante nulo como um parâmetro.

- (3') a. O Manuel trouxe [_{DP} *d nulo* + *pro*] agora mesmo.
b. O Manuel trouxe- [_{DP} *o* + *pro*] agora mesmo.

Deve-se mencionar uma diferença muito importante entre o PB e o português europeu (PE). Apenas o PB, mas não o PE, permite a presença de nomes contáveis nus no *singular* em posição argumental:¹

- (5) Maria detesta *cenoura*.
- (6) Naquele tempo, *criança* brincava na rua.

Normalmente as línguas tendem a ser restritivas no licenciamento de elementos nus em posição argumental ou mesmo predicativa, como podemos ver abaixo pelos exemplos (cf., para uma discussão aprofundada, Schmitt e Munn, 1999).

- (7) a. He has drunk *beer*. (Inglês)

¹ Essa propriedade está provavelmente ligada às características do objeto nulo em PB que é muito menos restritivo do que em PE. Não vamos explorar o ponto aqui mas cf. Lopes e Cyrino, 2003.

- b. (Ele) bebeu *cerveja*.
- c. Juan bebe *cerveza*. (Espanhol)
- d. * Jean buvais *bière*. (Francês)
- (8) He has bought *books*. (Inglês)
"Ele comprou *livros*."
- (9) a. * He has bought *book*.
b. Ele comprou *livro*. (✓PB, *PE)
- (10) a. He has given him *(a) *book*. (Inglês)
b. Elle lui a donné *(un) *livre* pour son anniversaire. (Francês)
c. [] deu-lhe um *livro/livros*/**livro* pelo aniversário. (PE)
d. Ele deu um *livro/livro* pra ele de aniversário. (PB)
- (11) a. O João é *médico*.
b. Jean est *médecin*. (Francês)
c. Juan es *medico*. (Espanhol)
d. John is *(a) *doctor*. (Inglês)

Os exemplos em (7) mostram que nomes não-contáveis podem ser licenciados em posição argumental em inglês e outras línguas românicas, com exceção do francês. Plurais nus são licenciados em inglês e no PE, mas em PB a preferência é pelo singular nu (cf. 8, 9 e 10). Os exemplos em (11) mostram que o inglês não permite um nome contável singular nu nem em posição predicativa, enquanto a estrutura é adequada nas línguas românicas.

Schmitt e Munn (op. cit.) defendem que os singulares nus em PB se comportam como os plurais nus das demais línguas (cf. 12), porém não ficam restritos a tipos estabelecidos (comparar 13 a 14). Para tanto, usam o teste de cálculo de telelicidade. Assumimos aqui que tal propriedade – a presença de argumentos como "caderno sem capa colorida" – seja uma forte evidência em favor da proposição de um determinante nulo no DP para os nomes contáveis singulares nus em PB.²

- (12) a. Eu escrevi *carta/cartas* por duas horas. [atélico]
b. * Eu escrevi *carta/cartas* em duas horas.
c. Eu escrevi *uma carta* em duas horas. [télico]
- (13) a) *Beija-flor* é ave.
b) *Beija-flores* são aves.
c) *O beija-flor* é ave.
- (14) *Caderno sem capa colorida* estava em liquidação ontem.

² Exemplos de Schmitt e Munn (1999).

Um último ponto a se levantar é se os singulares nus do PB também se comportam como os nomes não-contáveis. E a resposta é negativa, conforme já apontaram Schmitt e Munn através do seguinte contraste:

- (15) a. Gold is expensive.
Ouro é caro.
b. *Gold weighs two grams.
*Ouro pesa dois gramas.
(16) Criança pesa 20 quilos nessa idade.

Finalmente, os singulares nus em PB permitem tanto leituras existenciais quanto genéricas (exemplos 17 e 18, respectivamente) e vamos assumir aqui que também podem receber referência específica nesta língua, sob certas condições pragmáticas, como vemos em (19):

- (17) Tem criança na sala.
(18) Criança gosta de doce.
(19) – Você não vem na reunião?
– Não, tenho que pegar *criança* na escola. (com referência a *uma* criança específica)

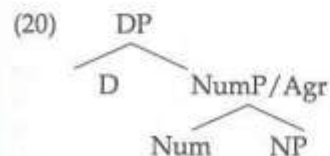
Resumindo, as línguas se comportam de forma bastante particular em relação aos tipos de DPs que licenciam em posição argumental ou predicativa e, como vimos pelos exemplos acima, o PB difere da maioria das línguas ao permitir nomes contáveis singulares nus em posição argumental. Conforme o que se assume aqui, esse comportamento dos singulares é paralelo ao de nomes plurais nus.

Como nosso interesse se restringe à aquisição da linguagem, a pergunta natural é imaginar se há ou não um parâmetro que ajude a criança a distinguir as diferenças entre as línguas em relação aos tipos de DPs que uma dada língua licenciaria. No caso do PB, este parâmetro deve ser tomado como distinto daquele que envolve a escolha do determinante nulo.

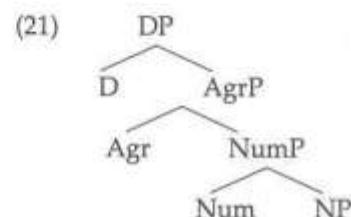
De fato, Chierchia (1998) propôs o *Nominal Mapping Parameter* (Parâmetro de Mapeamento Nominal), de acordo com o qual as línguas se dividiriam em [+ argumento] e [+ predicado], em função de suas escolhas de nomes nus. As línguas que possuem o traço [+ predicado] apresentam morfologia plural e a distinção nomes contáveis/não-contáveis. Por outro lado, uma língua com os traços [+ argumento/- predicado] apresentaria argumentos nus generali-

zados, sem a distinção contáveis/não-contáveis e sem morfologia plural. Normalmente, tais línguas apresentam sistemas gerais de classificadores – seria, por exemplo, o caso do chinês.³

Como se pode concluir do parâmetro de Chierchia, o PB não se encaixa nas características esperadas. Teria que se comportar como o chinês, entretanto há no PB a distinção contável/não-contável, assim como morfologia plural. Para dar conta dessa limitação, Schmitt e Munn (1999) propõem, ao invés do Parâmetro de Mapeamento Nominal, o *Free Agr Parameter* (Parâmetro do Agr Livre) de acordo com o qual o núcleo de número nos DPs pode ser independente nas línguas românicas – línguas de morfologia mais rica –, mas não em línguas como o inglês, por exemplo, em função de sua concordância enfraquecida. No PB, esse núcleo seria *opcional*:



inglês



línguas românicas

A evidência para a opcionalidade do núcleo de número no PB vem de exemplos como (22), onde uma anáfora discursiva que se refere a nomes singulares nus deve estar sempre no plural, mesmo sendo o DP morfologicamente singular:

- (22) Os jogadores não gostam de *criança* porque *ela/elas não joga(m) direito.

Em (22) NumP não se projetaria, o que é possível dada a sua natureza de núcleo independente. Devemos manter essa proposta em mente, embora assumamos posteriormente uma análise um pouco distinta sob a perspectiva minimalista.

Antes de fechar essa discussão, cabe uma última palavra sobre a marcação da morfologia plural no DP. Nas variedades de português sendo adquiridas pelas crianças examinadas, a concordância de plural pode ser marcada em todos os elementos do DP

³ Obviamente uma língua com ambos os traços negativos não seria atestada.

(marcação redundante) ou apenas no determinante (marcação não-redundante). Tomamos a distinção como uma mera marca de registro coloquial ou não-coloquial. O que é importante notar é que a marcação de plural aparecerá ao menos no determinante. Não se encontra no *input* marcação de plural apenas no nome, uma opção agramatical na língua:

(23) * o livroS

3 À aquisição

3.1 Dados

Examinou-se e quantificou-se a produção espontânea de duas crianças entre as idades de 1;8 e 3;7 anos (AC. e R.). Dados de duas outras crianças (C. e S.), na mesma faixa etária, também foram considerados, porém apenas qualitativamente. Essa decisão deveu-se ao fato de os dados das duas primeiras crianças serem transcrições que não nos permitiriam afirmar com precisão onde fora feita a marcação de plural no DP. Os dados analisados qualitativamente foram retirados de gravações filmadas das duas crianças, permitindo não apenas saber com exatidão onde era feita a marcação de plural, assim como acompanhar o processo de mudança da marcação (cf. seção 4) longitudinalmente.⁴

Todas as crianças são filhas de pais altamente escolarizados, expostas, portanto, a um PB bastante padrão. Todas falam dialetos que permitem o uso de determinantes com nomes próprios; na realidade, essa parece ser a estrutura preferencial no dialeto.

3.2 Decisões metodológicas

DPs isolados não foram considerados, uma vez que nosso interesse está na aquisição de tais estruturas em posição argumental, conforme deve ter ficado claro pela discussão na seção 2.

(24) (AC, 1;8)

⁴ Os dados de AC pertencem ao CEAAL (Centro de Aquisição e Aprendizagem da Linguagem da PUCRS). Agradeço ao prof. Sérgio Menuzzi a gentileza em cedê-los a mim para análise. Os dados de R. pertencem à base de dados do CEDAE/IEL/Unicamp. Os dados de C. e S. pertencem à minha base de dados em construção (projeto UFSC/FUNPESQUISA/2002).

Adulto: o globo tá aqui.

Adulto: viu que bonito o globo?

AC: bóia.

AC: a bóia.

Adulto: a bola.

Entretanto, deve-se observar que o uso opcional do determinante, mesmo em DPs isolados como em (24), foi tomado como uma pista de que a criança adquiriu o determinante e não está apenas "picotando" o nome de uma forma não esperada. É bom observar que a gramática adulta também permite o uso opcional do determinante em tais contextos:

(25) O que você tem na mão?

— faca

— uma faca

3.3 Algumas predições para a aquisição

Como hipotetizamos na Introdução, os fatos sobre o PB nos levam a prever três estágios no desenvolvimento do DP. Durante o primeiro, a criança assumirá um valor singular *default* para os DPs, eventualmente em função de fatores cognitivos externos à Faculdade da Linguagem. Neste estágio, é possível que se encontrem estruturas agramaticais com nomes contáveis singulares nus em sua produção. Durante o segundo estágio, surge a distinção de número, sinalizada pela marcação da morfologia plural nos DPs. Finalmente, deve-se esperar a projeção opcional do núcleo de número no DP, o que constituiria um passo extra para a criança adquirindo o PB.

Algumas questões merecem consideração a esta altura. A primeira diz respeito a haver ou não um estágio nominal durante o qual a categoria funcional *determinante* (D) não é projetada na gramática infantil (cf. Radford, 1990). Não assumiremos essa hipótese aqui, especialmente considerando que tal estágio não foi atestado em nossos dados, como se vê em (24), por exemplo. Contudo, conforme se observa em (24), parece haver um estágio de queda do D, tomado aqui como queda em contextos ilícitos, uma vez que se prevê que há a opção de um determinante nulo na língua:

(26) Babalu (= cavalo) tá papando (R. 1: 9) (a criança aponta para um cavalo específico em uma revista)

(27) *Vô fazê [a tama] pucê (= vou fazer a cama pra você) (R. 1: 9)*

A comparação entre (26) e (27), exemplos produzidos na mesma gravação de uma das crianças, reforça a hipótese do estágio de queda do D, enquanto nos permite afirmar que a queda acontece por razões independentes. Nossos resultados nos mostram que a produção total de nomes nus em posição de sujeito em ambas as crianças é de 2,2%, quase todos casos ilícitos como o de (26). Já em posição de objeto, esse resultado sobe para 16,6% e há pouquíssimos exemplos de estruturas ilícitas com nomes nus, como seria o caso de (28).

(28) *Abi beçu (= abre o berço) (R. 1: 9)*

Não vamos mais explorar essa questão, mas pode-se encontrar uma proposta para o fenômeno em Lopes (2003). O que é importante examinar aqui são os tipos de nus que se encontram em posição argumental na produção inicial das crianças. Nossos dados mostram que elas produzem nomes não-contáveis assim como contáveis singulares nus com leitura genérica desde muito cedo, o que se pode tomar como evidência para a hipótese do determinante nulo, bem como para o acionamento precoce de tal parâmetro.

(29) *Adulto: Que que é isso aí?*

AC: *bolo.*

Adulto: *pra fazer bolo?*

AC: *fazer bolo sim, sim (1: 10)*

4 Resultados

Nossa primeira tabela apresenta os resultados gerais para ambas as crianças, considerando apenas a posição de objeto e as diferentes realizações do DP.

Tabela 1: Resultados gerais para as duas crianças

Nulos		Pronominais		DPs + Ns nus		Total	
N	%	N	%	N	%	N	%
275	29,2	93	9,8	575	61	943	100

Vemos que as crianças usam uma porcentagem bem mais alta de DPs e nomes nus nessa posição do que as outras opções disponíveis na língua. Concentremo-nos agora apenas nos DPs, levando

em consideração somente aqueles que apresentam algum material foneticamente realizado além do nome.

Tabela 2: Porcentagem média de realizações de DP para cada criança (em posição de objeto)

Tipo de DP	AC.		R.	
	no.	%	no.	%
Definidos	128	70,7	106	79
Indefinidos	38	21	22	16,3
Quantificados (existencial/universal)	11	6,1	6	4,7
Com numerais	4	2,2	-	0
Total	181	100	134	100

A tabela 2 nos mostra que a ampla maioria dos DPs produzidos são realizados com um determinante definido, seguindo-se os com determinantes indefinidos. Cremos que a baixa produção de DPs quantificados e com numerais tem a ver também com fatores cognitivos externos à Faculdade da Linguagem, conforme já comentado. Examinemos agora a marcação de número nos DPs em contraposição à marcação de número em outras categorias, como pronomes, por exemplo.

Tabela 3: Marcação morfológica de número nos elementos nominais (em posição de objeto)

Número	DP	Outras categorias	Total
singular	43,3	52,0	95,3
plural	3,6	1,1	4,7

Não parece ser uma coincidência que a maioria das referências na produção inicial infantil seja singular. Parecem mesmo passar por um estágio de marcação singular *default*, como previmos. Para confirmar essa hipótese, investigamos a primeira ocorrência de cada traço relevante no DP, seguido de seu uso estabilizado, ou seja, de estruturas que se tornam produtivas e convergentes em relação à gramática adulta. Isso foi feito para as duas crianças, considerando tanto a posição de sujeito como a de objeto.

O que percebermos é o desenvolvimento de um *padrão* de aquisição. Em ambas as crianças, primeiro surgem os DPs definidos, nus e indefinidos. Só então começam a aparecer as marcas morfológicas de plural nos DPs. Coincidentemente, isso ocorre quando ambas estão com 2;1 anos de idade. Em uma das crianças,

os DPs quantificados surgem concomitantemente aos DPs plurais na outra, há um intervalo de sete meses até que os quantificados se tornem produtivos. Resumindo, não devemos levar em consideração a idade em que o plural surge – isso parece mesmo uma mera coincidência. Contudo, o padrão de realização dos DPs parece ser bastante contundente. As formas plurais demoram mais a aparecer e surgem posteriormente aos DPs singulares, dando-se o início do processo através de DPs definidos, indefinidos e nus. Esse quadro parece fazer sentido em termos semânticos, uma vez que a quantificação envolve operações complexas sobre conjuntos e a distinção singular-plural parece ser essencial para que tais operações ocorram.

Voltando aos três estágios que foram propostos, nossos resultados indicam que o primeiro é atestado através das altas porcentagens de DPs definidos singulares e nomes nus produzidos pela criança. Devemos nos lembrar de que, no caso dos nus, de acordo com nossa hipótese, são DPs não especificados para número, um ponto ao qual retornaremos em breve. Ainda de acordo com nossas previsões, a morfologia plural deveria indicar que a criança estabiliza sua gramática nos moldes da gramática alvo – o segundo estágio previsto. No entanto, quando examinamos os dados, esta previsão não se sustenta inteiramente. Semanticamente a distinção singular/plural é feita, contudo, sintaticamente, a morfologia está fora de lugar, como podemos ver em (30) – (32):⁵

- (30) a. a hienaS (C. 2: 4)
b. cemís (cemitério) da hienaS (C. 2: 4)

- (31) meu chinelinhoS (C. 2: 7)⁶

- (32) o patinhoS (S. 2: 6)

É importante afirmar que todas as referências são plurais. O fato interessante sobre (30) – (32) é que são instâncias agramaticais na língua alvo e, portanto, não fazem parte do *input* da criança. Resultados experimentais de Corrêa, Name e Ferrari-Neto (2003) apontam para um quadro semelhante. Os autores aplicaram uma

⁵ Reconhecemos que pode haver fatores fonológicos em jogo aqui mas explorá-los iria muito além de nossa capacidade.

⁶ A criança se refere a três pares diferentes de chinelos, colocados um ao lado do outro, no chão.

tarefa de escolha de desenho em 11 crianças, de 20 a 28 meses de idade (idade média 27:5), testando as seguintes condições:

- (33) I. Marcação redundante
Mostre os/esses/aqueles *carros* pro Dedé.
II. Marcação não-redundante
Mostre os/esses/aqueles *carro* pro Dedé.
III. Agramatical
Mostre o/esse/aquele *carros* pro Dedé.

A condição I testa a marcação redundante padrão no plural em PB. A condição II testa o registro não-coloquial, extremamente comum no *input*, onde apenas o determinante recebe a marcação morfológica de plural e, finalmente, a condição III teste uma forma agramatical, não encontrada no *input*, onde apenas o nome recebe a marcação morfológica de plural.⁷

Seus resultados mostram que as crianças tiveram uma *performance* quase ao nível da chance em todas as condições. Entretanto, nas condições I e II os resultados foram de 43 e 48%, respectivamente, enquanto que na condição III o resultado foi superior, 53%. Os autores não oferecem uma explicação para tal resultado, contudo, quando comparado a nossos resultados com produção espontânea, parecem ficar mais claros, uma vez que essa parece ser a estratégia por onde a criança começa, antes de convergir na marcação de plural esperada na gramática adulta.

Uma outra observação importante é que nossos dados qualitativos revelam uma estratégia “tudo-ou-nada”. Não há um estágio durante o qual as crianças oscilem entre a marcação de plural no nome ou no determinante. Começam com a marcação agramatical e saem dela em direção à gramática alvo – ou fazendo a marcação redundante ou apenas no determinante, conforme o *input*.

A explicação que oferecemos é que a distinção de número se torna semanticamente interpretável no nome em um certo ponto do desenvolvimento, mas o determinante envolve operações sintáticas de concordância que levam mais tempo para convergir. Contudo, uma vez que os traços necessários sejam selecionados no determinante, então a criança atinge o estágio final esperado na gramática alvo.

Uma última palavra acerca do terceiro estágio previsto. É possível que a criança demore mais a convergir em PB em função

⁷ Os autores utilizaram-se de um boneco para proferir as sentenças nas três condições dada a agramaticalidade de uma delas.

do traço de número não-especificado/opcional nos DPs singulares nus. Assumiremos aqui que o determinante nulo forçará um traço de número não-especificado no DP como um todo.

A fim de testar essa hipótese, aplicamos um experimento de Julgamento de Valor de Verdade - *Truth Value Judgment Task* (Crain e Thornton, 1998) – em 9 crianças, testando sentenças como (22), repetida aqui como (34):

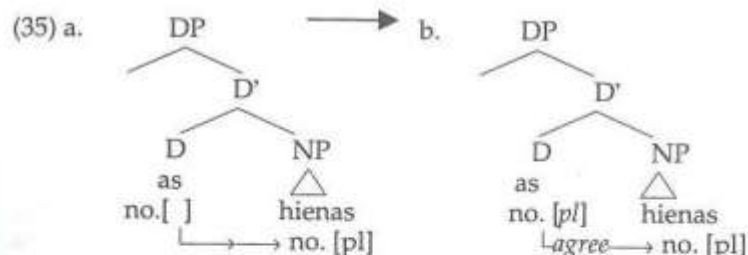
(34) Os jogadores não gostam de *criança* porque *ela/elas não joga(m) direito.

Foram montadas quatro estórias cada uma delas testando sentenças como (34) em duas condições diferentes: com a anáfora singular ou plural referindo-se ao DP singular nu genérico (em 34 = *criança*).

Os resultados de duas crianças foram descartados por representarem respostas aleatórias. Consideramos, assim, os resultados de 7 crianças, com idade média de 3;1 anos. Eles revelam que as crianças aceitam tanto a anáfora singular quanto a plural em 85,7% dos casos, embora todas tenham mostrado a leitura semântica esperada do DP como genérico. Apenas as duas crianças mais velhas do grupo (3;11) rejeitaram a anáfora singular em 100% dos casos, o que confirma nossas expectativas de que a opcionalidade do traço de número no DP nu é adquirida tardiamente ou, em outras palavras, como último passo no processo.

5 Selecionando traços não-interpretáveis

Magalhães (2002) propõe que a operação *Agree* se aplique também no nível do DP, contrariamente à proposta de Chomsky (1998), segundo a qual haveria uma operação distinta para o DP, nomeadamente, *Concord*. Seguiremos a proposta de Magalhães, conquanto não assumamos o todo de sua análise, pois para a autora, D possuiria o traço de número interpretável, enquanto que este seria não-interpretável em N. Ao invés, seguiremos as propostas tradicionais que assumem que os traços-phi sejam interpretáveis nos nomes, enquanto D possui traços-phi não-interpretáveis que devem ser valorados, funcionando o último elemento como uma sonda que entra em relação de concordância (*Agree*) com N, seu alvo:



Ao serem checados, os traços-phi internos ao DP permanecem no rótulo da projeção máxima. É bom lembrar que os traços relevantes em D são número e gênero, mas não pessoa, que é sempre 3a. pessoa para a interpretação do DP. Assim, o traço de pessoa continua não-valorado, deixando o DP ativo para checagem de caso durante a derivação de uma estrutura a que este elemento se concatenar. Uma vez que caso não é um traço a ser checado internamente ao DP (a não ser que haja um preposição de caso, mas isso é outra história que deixamos em aberto aqui), mas em uma fase em que haja uma sonda com propriedades de caso (*v* ou T/em C/), tal traço ainda permanecerá disponível para relações de checagem assim que a sonda relevante se concatenar à derivação.

Em relação à aquisição, a pergunta natural é o que a criança faz inicialmente, quando número não parece ser valorado em D. De acordo com nossas assunções, número é um traço interpretável nos nomes, portanto, não tem que ser checado. Assim, inicialmente os traços não-interpretáveis em D ainda não foram selecionados (cf. Roeper *et al.*, 2001). No caso do PB, a criança memoraria mais a convergir em função do traço de número não-especificado nos DPs singulares nus. Isso dá conta do estágio em que a criança marca a morfologia de plural apenas no nome. Naturalmente, os traços não-interpretáveis em D serão considerados adquiridos quando a marcação da morfologia de plural se encontrar em D e não em N.

Uma última palavra sobre o determinante nulo. Raposo (1998) propõe que se comporte semanticamente como os determinantes definidos fonologicamente realizados. Embora eu assumo sua proposta paramétrica, de acordo com a qual as línguas românicas disponibilizarão ou não o determinante nulo em seu léxico, pela minha análise, o determinante nulo não se comporta plenamente como o determinante aberto, mas força um traço de número não-especificado no nome, o que explica por que um DP nu, morfologicamente singular, tem que ser recuperado através de um pronome plural. Heycock e Zamparelli (2003) apresentam uma proposta semelhante para Ns nus genéricos, embora assumam que o traço

de número seja não-valorável em tais casos, conquanto conservem a qualidade de serem não-interpretáveis – uma consequência indesejável na proposta.

6 Palavras finais

Há uma série de questões que ficaram abertas neste artigo. Uma delas é como dar conta dos casos de DPs nus ilícitos. Não haveria projeções D em tais casos ou a criança os trata como nomes próprios, alçando N para D (cf. Longobardi, 1994)? Embora a última hipótese pareça mais plausível, não se coaduna com o que foi assumido aqui, já que estamos tratando os DPs nus lícitos como casos de determinantes nulos projetados desde o início da produção infantil, conquanto ainda possam não apresentar os traços relevantes, assim como nos casos de presença do determinante com marcação morfológica de plural apenas em N.

Há também importantes correlações semânticas a serem tratadas ao nível do DP, especialmente quando se considera que estamos propondo que a criança convirja primeiro na interpretação semântica do DP antes de chegar à representação sintática esperada na gramática adulta. Deixamos esses pontos em aberto para investigações futuras.

Referências

- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, 6, p. 339-405, 1998.
- CHOMSKY, N. *Minimalist inquiries: the framework*. MITOPL, 15, 1998.
- CORRÊA, L.; NAME, C.; FERRARI-NETO, J. Explorando informação de interface na aquisição da linguagem: distinções perceptuais e morfo-fonológicas relativas à categoria funcional D na aquisição de gênero e número em Português. *Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística)*, 2003.
- HEYCOCK, C.; ZAMPARELLI, R. Bare Ns and DP-internal number agreement(s). Artigo apresentado no *Workshop on Agreement*, Lisboa: UNL, 2003.
- LONGOBARDI, G. Proper names and the theory of N-movement in syntax and logical form. *Linguistics Inquiry*, 25, p. 609-665, 1994.
- LOPES, R. E. V. The production of subject and object in Brazilian Portuguese by a young child. *Probus*, 15, p. 123-146, 2003.
- LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. The null object in Brazilian Portuguese. Artigo apresentado no *17th Symposium on Romance Linguistics*, Nijmegen, The Netherlands, 2003.

MAGALHÃES, T. *Valorando traços de concordância dentro do DP*. Dissertação (Mestrado em Letras). Campinas: UNICAMP, 2002.

MUNN, A.; SCHMITT, C. Bare nouns and morphosyntax of number. *LSRL*, 29, 1999.

RADFORD, A. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax*. Oxford: Blackwell, 1990.

RAPOSO, E. *Definite/zero alternations in Portuguese*. Dissertação de Mestrado. UCSB, 1998.

ROEPER, T.; RAMOS, E.; SEYMOUR, H.; ABDUL-KARIM, L. Language Disorders as a window on Universal Grammar: an abstract theory of agreement for IP, DP and V-PP. *Brain and Language*, 77, p. 378-397, 2001.